



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
(UNIRIO)

GUILHERME BARROS DE SOUSA

O PAPEL DOS TEXTOS CULTURAIS NA LUTA
ANTICOLONIALISTA: UM ESTUDO SOB A
PERSPECTIVA DAS EPISTEMOLOGIAS DO SUL

RIO DE JANEIRO

2021

FOLHA DE ROSTO

Guilherme Barros de Sousa

O papel dos textos culturais na luta anticolonialista: Um estudo sob a perspectiva das epistemologias do Sul.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Administração Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Administração Pública.

Orientadora: Prof.^a Dra. Marina Dias de Faria

Rio de Janeiro

2021

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a todos os profissionais de saúde, trabalhadores essenciais. Agradeço pelo sacrifício feito nessa pandemia sem precedentes, por estarem presentes dia e noite, todos os dias, para assim salvar vidas e ajudar a todos. Enquanto houver pessoas como vocês haverá esperança.

Agradeço imensamente a minha família, que me deu oportunidades e apoio para eu chegar até este momento. Todos os abraços, palavras de incentivo e por estarem sempre ao meu lado. Sem eles nada disso seria possível.

Aos amigos que a Administração Pública me trouxe do grupo “TRETAS”, por terem proporcionados dias mais alegres, aulas mais leves e muitas risadas durante toda a minha graduação.

À Associação Atlética Acadêmica Nelson Mandela, que também me proporcionou amigos que eu levarei para a minha vida toda. Por todas as festas, jogos e grandes momentos que eu vivenciei nesses cinco anos.

À minha “dupla” de TCC, Ana Victória que me ajudou muito durante todo o processo deste trabalho. Sem a sua ajuda esse trabalho não seria possível.

À Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, por ter me proporcionado o aprendizado, experiências e trocas nesses cinco anos que mudaram a minha vida.

Por fim, agradeço imensuravelmente a minha orientadora Marina, por me acolher, me orientar, ter aberto meus os meus olhos pro mundo em que vivemos, que com certeza tiveram uma importancia transformadora na minha vida. Bem como o projeto Vozes do Sul. Que o nosso trabalho, torna-se um arsenal para a luta anti hegemônica global.

RESUMO

A sociedade atual é marcada pela articulação entre o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Tal articulação gera opressões que se fazem presentes em diversos aspectos. Na presente pesquisa o foco recai principalmente, ainda que não somente, no colonialismo como forma de dominação existente que molda pensamentos, comportamentos e gera exclusões abissais. Para que se modifique o pensamento global acerca dessa temática, torna-se necessário estudos como o proposto pelas epistemologias do Sul que têm por finalidade devolver a voz aos grupos social oprimidos a partir de debates e reflexões. Uma maneira de incluir esse novo pensamento, poderá ser por meio de textos culturais, que possuem o poder de influenciar o consciente de seus espectadores. Dessa maneira, a presente pesquisa objetiva analisar a efetividade dos textos culturais na percepção a respeito de temáticas tangentes a opressão causada pelo colonialismo sob a ótica de estudantes de administração pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Para tornar isso possível, foram realizados quatro grupos de foco com o uso de textos culturais como técnica projetiva com os estudantes do curso. Os dados foram tratados pela análise de conteúdo que possibilitaram a criação de sete categorias a partir da percepção e interpretação das falas apresentadas. Os resultados revelaram a clara mudança de percepção dos alunos em relação ao tema colonialismo, demonstrando um conhecimento mais abrangente e menos estereotipado após as discussões provenientes dos textos culturais apresentados.

PALAVRAS-CHAVE: Textos culturais; Colonialismo; Epistemologias do Sul; Colonialidade; Ecologia dos Saberes; Exclusões Abissais

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
1.1 O problema.....	7
1.2 Objetivo da pesquisa.....	8
1.3 Delimitação do estudo.....	9
1.4 Relevância da pesquisa.....	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 Textos culturais: hegemonia, manipulação e impacto social.....	10
2.2 Modernidade/colonialidade/globalização.....	12
2.3 Pensamento pós colonial e as epistemologias do Sul.....	19
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	21
3.1 Seleção dos sujeitos.....	23
3.2 Coleta de dados.....	24
3.3 Tratamento de dados.....	26
3.4 Limitações do método.....	27
4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	28
4.1 Colonialismo: Qual a noção inicial de um administrador público.....	28
4.2 Colonialismo e o século XXI.....	28
4.3 A raça como forma de dominação.....	30
4.4 Globalização x Colonialismo.....	31
4.5 A exploração capitalista.....	33
4.6 Invisibilidade das pessoas com deficiência (PCD).....	34
4.7 Retornando ao colonialismo.....	34
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	39
ANEXO 1	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Seleção de sujeitos.....	2
---	----------

1. INTRODUÇÃO

1.1 O problema

Na atual conjuntura da modernidade, existem duas principais questões a serem consideradas e analisadas. De um lado, há um modelo de desenvolvimento em crise, o capitalismo, e de outro, predomina a forma ocidental de entender o mundo, de entendê-lo e dominá-lo (Santos, 2020a). Os povos do Sul continuam a ser propriedade do conhecimento europeu e ocidental. Continuam a ser colonizados pelos mesmos agentes do progresso e da modernidade, e possuem a racionalidade eurocêntrica, que determinou suas crenças e as concepções de vida e de mundo. O eurocentrismo como uma ideologia da globalização capitalista, apoia uma narrativa única de desenvolvimento, que é apresentada como o caminho inevitável para o progresso. É uma concepção produtivista de desenvolvimento baseada na imposição de modelos de desenvolvimento insustentáveis para os povos do Sul e para a humanidade (Santos, 2018).

Dessa forma, não é apenas nas relações de trabalho, nas noções de raça, de sexualidade e gênero que podem ser vistas as manifestações da ideologia eurocêntrica. Não são apenas nas guerras modernas, nos assassinatos em massa, no genocídio causado pelo descaso de governos prós fascistas (Santos, 2020 B). Nem na clara criação de subcolônias formadas por povos excluídos dentro da própria colônia. O pensamento eurocêntrico está presente na mente hegemônica, na mente branca heteropartiracal, que se constitui em nossa sociedade. (Dussel, 2005; Quijano 2005; Santos 2009).

Diante do problema apresentado, a presente pesquisa baseou-se nas propostas epistemológicas das epistemologias do Sul para um novo pensamento global. Em sua teoria, Santos (2018) afirma que tal pensamento continuará se reproduzindo, a menos que se defronte com uma resistência ativa. Tal resistência, não se pode limitar a geração de ideias alternativas contra o movimento, ela precisa andar de mão dadas com um novo pensamento, com uma nova concepção da modernidade.

Assim, as epistemologias do Sul são uma proposta que denuncia a lógica que sustenta as epistemologias modernas, as quais só podem ter êxito com a emergência do pensamento pós-abissal. Para Santos, o conceito de pensamento pós-abissal pode ser sintetizado como um aprender com o Sul usando uma epistemologia do Sul, em que o Sul seria uma metáfora para o “sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo

colonialismo” (Santos, 2009, p. 44). Tal pensamento tem a premissa que a diversidade do mundo é inesgotável, que tais pensamentos e saberes são excluídos por estarem do “lado errado da linha”, e que enquanto a exclusão abissal persistir, não será possível qualquer alternativa pós-capitalista progressista.

Mas de que forma esse pensamento pode ser propagado? Segundo Ecosteguy (2020), os textos culturais podem ser uma forma de exercer esse papel político contra hegemônico.

Estudos que objetivam a relação entre cultura e sociedade, são cada vez mais comuns, pois são uma forma relevante de entender os costumes culturais (Johnson, 2020). Tais estudos, mostram o poder de influência que os produtos midiáticos possuem na formação de identidade e valores em seus espectadores. Já a muito tempo eles são usados de forma proposital, para transmitir valores e ideologias dominantes e opressoras. Vadillo (2019), traz o exemplo do filme “A procura da felicidade”, que é um filme extremamente amado e recomendado devido a sua “crítica social”, porém ele é exatamente o contrário, ele é uma grande propaganda a favor do capitalismo selvagem.

De forma contrária, o filme “Parasita” mostrou a força de textos culturais contra hegemônicos. Em primeiro lugar, ao vencer um prêmio que nunca tinha sido conquistado por um país não americano. E em segundo, por ter sido capaz de gerar inúmeros debates contra o capitalismo selvagem (Sihombing e Sinaga, 2021).

Diante do exposto, fica clara a importância de mensurar o impacto dos textos culturais com conteúdo anti hegemônico na mente de seus espectadores, dessa maneira o objetivo da presente pesquisa é responder a seguinte questão: Qual a efetividade dos textos culturais, na percepção a respeito de temáticas tangentes a opressão causada pelo colonialismo, sob a ótica de estudantes de Administração Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)?

1.2 Objetivo da pesquisa

Segundo Vergara (2008), o seria o resultado alcançado pela pesquisa, que dessa forma, poderia responder ao problema o qual a pesquisa se propõe a responder. Dessa forma, o objetivo da presente pesquisa é analisar a efetividade dos textos culturais na percepção a respeito de temáticas tangentes a opressão causada pelo colonialismo sob a ótica de estudantes de Administração Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

1.3 Delimitação do estudo.

É preciso destacar que essa pesquisa tem como base especificamente textos culturais que abordam o tema sobre colonialismo. A partir de uma abordagem teórica acerca da origem das relações de dominação existentes no mundo, observou-se que elas tiveram início a partir da descoberta da ameríndia. A partir desse momento, houve a exportação de ideais capitalistas e patriarcais eurocêntricos para todos os cantos do planeta. Dessa forma, entender as origens das nossas relações é necessário para entender o mundo em que vivemos. (Dussel, 2005)

Outra questão a ser pontuada, foi a utilização de apenas textos culturais de cunho visual, ou seja, filmes, curtas, documentários, noticiários e vídeos. Ecosteguy (2020), aborda que cada texto cultural reproduzirá as relações da sociedade em que está inserido. Assim, determinados lugares irão criar textos culturais que abordem facetas do colonialismo que outros lugares não irão abordar. Dito isso, essa pesquisa não se delimitou a textos culturais de uma região específica e nem de um determinado espaço de tempo específico.

Por fim, essa pesquisa se delimitou a estudante de Administração Pública da Unirio. Tanto pela facilidade de acesso aos mesmos, quanto pela importância de temas como o colonialismo para a formação de qualquer pessoa que se proponha a ser administrador público.

1.4 Relevância da pesquisa

Em primeiro lugar análise da percepção dos alunos em relação das opressões causadas pelo colonialismo, é relevante, pois consegue mostrar a real importância de tais métodos, no caso de estudo culturais, na transmissão de ideias para o seu público (Kellner, 2001).

Também é importante ressaltar a necessidade do entendimento de colonialismo por parte dos estudantes de administração pública. Um dos cinco princípios da administração pública é o princípio da impessoalidade, que visa o tratamento igual à todos os cidadão. Dessa forma situações como o encarceramento em massa da população negra no Brasil, poderiam ser evitados de futuros gestores públicos possuírem um pensamento anti hegemônico (Barreto Junior e Santos, 2020).

Além disso, Santos (2018), demonstra que os debates contra as opressões coloniais, capitalistas e patriarcais dentro do ambiente universitário, e em espaços acadêmicos de forma geral ainda são muito poucos. Portanto, essa pesquisa apesar de ser pequena e envolver poucos estudantes, já é algo necessário.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Textos culturais : hegemonia, manipulação e impacto social.

O rádio, a televisão, o cinema como parte de um amplo conjunto de produtos e textos da cultura midiática, oferecem materiais a partir dos quais são forjadas identidade, interesses pessoais, valores e visões do mundo. Dessa forma, os produtos das mídias não são um entretenimento descompromissado (Kellner, 2001).

As pessoas são cada vez mais bombardeadas pela mídia e pela sociedade do consumo, por isso é importante aprender a compreender, interpretar e criticar seus significados e mensagens. Os meios de comunicação educam as pessoas sobre o modo que como se comportar, pensar, sentir, acreditar, temer, desejar e o que não se deve ser feito. Eles mostram como se vestir, olhar e consumir; como reagir a diferentes grupos sociais; como ter sucesso e como evitar o fracasso; e como se conformar ao sistema dominante de normas, valores, práticas e instituições (Bastos, 2015; Kellner, 2001; Júnior 2016). Isso ocorre principalmente devido falta de empatia, sensibilização e pensamento crítico frente às informações que são expostas na mídia por parte dos receptores (Tondatto, 2011). Assim se vê necessária uma alfabetização crítica em relação a mídia para que os indivíduos e cidadãos lidem com o ambiente de manipulação cultural que estão envolvidos.

Os estudos críticos sobre os meios de comunicação são inaugurados pela Escola de Frankfurt nos anos trinta e um tempo depois é lançado a ideia da “Indústria Cultural” pelos sociólogos Adorno e Horkheimer no livro “A dialética do esclarecimento (1963)”. Nessa teoria, a cultura popular funciona para satisfazer as necessidades crescentes dos consumidores que seriam a massa trabalhadora. Segundo os sociólogos, enquanto os consumidores satisfazem suas necessidades, eles se identificam como parte do produto cultural. Como afirmam no trecho:

A vida não deve mais, tendencialmente, deixar-se distinguir do filme sonoro. Ultrapassando de longe o teatro de ilusões, o filme não deixa mais à fantasia e ao pensamento dos espectadores nenhuma dimensão na qual estes possam, sem perder o fio, passear e divagar no quadro da obra fílmica permanecendo, no entanto, livres do controle de seus dados exactos, e é assim precisamente que o filme adentra o espectador entregue a ele para se identificar imediatamente com a realidade (Adorno e Horkheimer, 1985, p. 104).

Assim, a indústria cultural se baseia em um sistema de linha de produção (como o Fordismo por exemplo) para produzir os produtos culturais. Todos os filmes, programas de televisão, rádio, artes, entre outros aparentam ser diferentes, mas na realidade são todos iguais,

como é o caso dos bens de consumo da sociedade capitalista. Os produtos da indústria cultural dão a impressão de que existe uma variedade, mas na prática todos são a variação do mesmo produto. A particularidade da indústria cultural é que todos os seus produtos são fáceis de ler e entender e o consumidor não precisa gastar energia para absorvê-los (Adorno e Horkheimer, 1985).

Kellner (2001), discorda da ideia de que a cultura da mídia é totalmente homogênea e massificada como foi postulado o modelo da Escola de Frankfurt. Na visão de Norden (1994), os produtos culturais produzidos por determinada sociedade estão diretamente ligados ao tipo de sociedade que estão inseridos. Filmes, séries e novelas têm seus aspectos ligados a sociedade que os produz. Assim diferentes sociedades produziram diferentes produtos culturais, frequentemente podem ser vistos produções liberais ou conservadoras ou ocasionalmente visões radicais ou de oposição.

Dessa forma, pode-se enxergar a importância e o potencial dos estudos dos textos culturais. Através deles é possível, enxergar e examinar criticamente uma ampla gama de assuntos e culturas, abordados por textos culturais ao longo das décadas, podendo se compreender as sociedades em que esses textos estavam inseridos incluindo as atuais (Kellner, 2001; Faria e Casotti 2014).

Porém já como são um espelho do ambiente que estão inseridos, os textos culturais também acabam reforçando a invisibilidade e estereótipos de determinados grupos excluídos da sociedade (Faria e Casotti, 2014). As autoras acusam esses textos de não os representar como pessoas e sim defini-las apenas por aquilo que os torna um grupo socialmente excluído e acaba, como toda a forma de mídia, propagando esses estereótipos.

Por isso, além da importância do estudo dos textos culturais, também é necessário um ambiente contra hegemônico cultural. Um exemplo desse movimento é o cinema político criado por Spike Lee nos anos oitenta. O diretor Spike Lee lançou filmes independentes contra a hegemonia de sua época, seus filmes tratavam de questões raciais, sexuais e de classe que fizeram muito sucesso entre o público negro. Assim Spike Lee começou a ter seus filmes financiados por Hollywood e lançou o filme “Lute pela coisa certa” em 1985, que falava sobre a realidade da vida dos negros nas faculdades e parodiava o gênero de musicais e de estudantes (Kellner, 2011).

Os grandes lucros ganhos por Hollywood com os filmes de Lee, mostraram que há público para a produção de textos contra hegemônicos e abriu espaço para outras produções culturais críticas (Kellner, 2011). Dessa maneira Tonon (2010), certifica importância da naturalização de desidentificadores nos textos culturais, que é a não utilização de ideias

opressoras e que reforçam ambientes excludentes, naturalizando assim um jeito diferente de ver o mundo.

2.2 Modernidade/colonialidade/globalização.

O conceito de modernidade é um assunto bastante complicado de ser abordado. O geógrafo Derek Gregory (2009) a define como um conceito notoriamente ambivalente e altamente contestado. Assim o autor tenta trazer algumas noções sobre modernidade. A noção mais comum é ligada ao eurocentrismo na qual o termo costuma ser usado para designar uma série de fenômenos distintos, mas inter-relacionados, que, na maioria dos casos, até recentemente, colocavam a Europa no centro do cenário mundial, ela carrega a ideia de que a modernidade é totalmente ligada com a história europeia, que começaria com o início do renascimento italiano (Século XIV), passaria pela invenção da imprensa (Século XV) e iria até a revolução industrial (Século XIX); outro sentido seria quando ela é usada como sinônimo de ascensão, uma noção herdada do iluminismo, onde a ciência traria o progresso necessário para a sociedade; a modernidade também é associada a um projeto de libertação e emancipação, que possivelmente culminou na revolução francesa. Ela busca a implementação de novas formas de representação política, de direitos legais e sociais dos indivíduos. Por último o conceito de modernidade também é usado para especificar “um processo particular de incorporação global”, que começa no colonialismo e a criação dos estados-nação e vai até a globalização. A relação entre modernidade e globalização é abordada por vários estudos latino-americanos e é de extrema importância para se entender as relações modernas.

Escobar (2003), aponta a globalização como a principal culpada da universalização e a radicalização da modernidade. A noção mais comum de globalização é comumente atrelada a mudança drástica nas relações interpessoais, ocasionada pela velocidade da circulação de informações produzida pelos novos recursos tecnológicos, de tal forma que se podia perceber o que estava acontecendo em qualquer lugar do mundo simultaneamente. Isso teria resultado em uma integração econômica, política e cultural contínua e crescente do mundo. O conceito da “aldeia global” foi a imagem bem-sucedida que se deu conta dessa nova relação subjetiva com o espaço e com o tempo (Quijano, 2002; Bauman 1999). Porém para realmente entender a globalização é necessário entender como ela funciona.

Quijano (2002), argumenta que a globalização consiste, primeiramente em uma reafirmação de poder financeiro e político das autoridades públicas mundiais, cuja base impulsiona e acelera as relações capitalistas, tanto econômica, quanto na exploração e controle do trabalho. O resultado disso pode ser visto quando nos deparamos como o relatório da

OXFAM de 2017 que traz dados como o patrimônio de apenas oito homens é igual ao da metade mais pobre do mundo ou a renda dos 10% mais pobres aumentou cerca de US\$ 65 entre 1988 e 2011, enquanto a renda dos 1% mais ricos aumentou 182 vezes mais no mesmo período. (OXFAM, 2017).

Outro resultado da globalização, é a criação de um bloco imperial mundial. O G7, integrado por países que já eram mundialmente hegemônicos, sob o predomínio dos Estados Unidos, se trama estruturalmente com as instituições de controle e administração do capital financeiro mundial, como o Banco Mundial, e com as instituições que administram a violência mundial, como o Tratado do Atlântico Norte. O conjunto dessa trama, é a criação de um governo invisível que decide todas as dinâmicas do mundo (Quijano, 2002).

Além da questão econômica, outra parte integrante da globalização é a ideia de “raça”, que Quijano (2005) chama de Tecnologia da Dominação/Exploração. A ideia de raça legitima e naturaliza as relações de dominação e serve como um critério para classificar as populações do mundo, bem como para estruturar uma divisão internacional do trabalho. Na medida que a dominação colonial avançou e se expandiu globalmente, os colonizadores impuseram esse critério de classificação social as populações que eram dominadas. Essa padronização global ocorreu não apenas materialmente (especialmente fisicamente, com referência ao controle de corpos racializados por meio de papéis de trabalho), mas também cognitivamente, como “Todo esse acidentado processo implicou no longo prazo uma colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura”. (Quijano, 2005, p.121).

Mas o que significa, essa imposição de cultural? É aqui que é visto os aspectos ideológicos da globalização em sua principal essência. Colonizar as perspectivas e colonizar o imaginário, é em parte, controlar os desejos e sonhos das pessoas. A padronização global, por meio da colonização, introduziu o conceito do consumo capitalista na sociedade. Segundo Bauman (1999), a sociedade impões que todos os seus habitantes sejam consumidores, e para ser aceito nessa sociedade é necessário consumir. Dessa forma os indivíduos desejam a todo o momento serem seduzidos e atraídos por novos desejos de consumo de objetos, estilos e comportamentos. Outro sintoma deste consumo é que os indivíduos tendem a afirmar sua identidade pelo que consomem. Segundo Lipovetksy (2004), existe uma gama interminável de produtos simbólicos que fazem com que os indivíduos façam suas escolhas a partir desses objetos, assim definindo se a pessoa poderia circular por determinados ambientes sociais com marcas que ajudam a caracterizar tribos e estilos. Marcas consideradas de luxo e grifes, além

de demarcar o lugar de pertença de quem as usam, também anuncia o poder aquisitivo desde a etiqueta até a explícita imagem da marca (Han, 2020).

Porém, o caminho da indústria de competitividade global de despertar o desejo, seduzir os consumidores e afastar seus competidores não termina no processo do consumo do produto. Bauman (1999), explica que na sociedade de consumo, os consumidores devem estar em movimento constante, sempre em busca de novos produtos para consumir e a procura de novos desejos, ou seja, assim que adquirem o produto, se inicia um processo de descarte para que novos desejos possam surgir e novos produtos sejam adquiridos, num ciclo permanente, porque se esse processo não acontecer a caça global das indústrias em busca de lucros e mais lucros (rebatizada de “crescimento econômico”) irá parar.

Contudo, apesar de todos poderem desejar ser um consumidor e pertencer a certos grupos, desejar não é o suficiente. A sociedade do consumo é claramente estratificada, em uma classe alta e uma classe baixa, e a classe baixa, vive para poder consumir e entrar na classe alta. Porém, como já foi dito antes, a globalização deu as tecnologias necessárias para os ricos ficarem mais ricos, o que deixou esse salto de classes cada vez mais afunilado. O resultado claro disso é que a globalização, na verdade encobre uma “glocalização” que é o que realmente se vive hoje (Bauman, 1999).

Assim, apesar da força e da violência serem requisitos cruciais para toda a forma de dominação, na sociedade moderna elas não são exercidas de maneira explícita e direta. Como já foi discutido acima, elas são encobertas pelas estruturas institucionalizadas de autoridades públicas e coletivas, que são “legitimadas” por ideologias que se formam a partir das relações intersubjetivas entre os vários setores de interesse e de identidade da população. (Quijano, 2002).

Portanto esse caráter político apelidado de globalização mostra que não se trata de algo natural e inevitável, como é normalmente associada (Roxo, 2020). Na verdade, ela se trata da conclusão de um extenso conflito pelo controle do poder, da qual saíram vitoriosas as forças que representavam o colonialismo e o capitalismo (Quijano, 2002). Dessa forma, é necessário questionar o ocorrido nas relações entre o padrão de exploração capitalista e entender os dois níveis do padrão de dominação, os Estados nação e o colonialismo.

Santos (2002), defende que vivemos em uma globalização hegemônica, que são definidas como um conjunto de relações desiguais, dominada pela lógica do capitalismo. Para ele, a globalização não é algo novo. Ela é uma expansão das relações de dominação que eram vividas antigamente, e ganhou vários nomes com o passar do tempo como modernismo, imperialismo, evangelização e o primeiro de todos colonialismo.

Dussel (1993), argumenta que o marco histórico para o início dessas relações desiguais foi a descoberta da ameríndia, e a partir dessa data foi constituído o ego europeu moderno. A construção desse ego, passou pela negação e do encobrimento dos ameríndios, encobertos em sua alteridade. Os índios não foram reconhecidos como um outro povo, com outra cultura, mas sim como um igual, porém diferente, como afirma a seguir.

O ego moderno apareceu em sua confrontação com o não-ego; os habitantes das novas terras descobertas não aparecem como Outros, mas como o Si-mesmo a ser conquistado, colonizado, modernizado, civilizado, como “matéria” do ego moderno. E foi assim que os europeus (particularmente os ingleses) se transformaram, como dizia antes, nos “missionários da civilização em todo o mundo”, especialmente com “os povos bárbaros”. A Europa constituiu as outras culturas, mundos, pessoas como ob-jeto: lançado (-jacere) diante (ob-) de seus olhos. O “coberto” foi “descoberto”: ego cogito cogitatum, europeizado, mas imediatamente “en-coberto” como Outro (DUSSEL, 1993, p. 36).

Segundo Dussel (2005), a palavra modernidade possui dois conceitos. O primeiro seria que a modernidade seria um sinônimo de emancipação, ela seria uma saída da imaturidade por um esforço da razão como processo crítico, proporcionando um novo desenvolvimento histórico do ser humano.

Já o segundo conceito, seria o que determinou o mito do mundo moderno e colocou a Europa como centro da história mundial. Essa modernidade é justificada por uma práxis irracional de violência. Primeiro a civilização moderna se apresenta como a mais desenvolvida e superior, cuja superioridade obriga a desenvolver os mais primitivos, bárbaros e rudes. Esse processo educativo de desenvolvimento deve ser aquele seguido pela Europa, e aos que se opõem ao civilizador, a práxis moderna deve exercer se necessário a violência, para destruir os obstáculos dessa modernização. Esta produção de vítimas são consideradas como um ato inevitável, e funcionaria quase como um sacrifício salvador que seria a modernização dos povos atrasados. (Dussel, 2005 ,p.30).

Essa segunda definição também é ilustrada por Quijano:

Com a constituição da América (Latina), no mesmo momento e no mesmo movimento históricos, o emergente poder capitalista torna-se mundial, os seus centros hegemônicos localizam-se nas zonas situadas sobre o Atlântico – que depois se identificarão como Europa – e como eixos centrais do seu novo padrão de dominação estabelecem-se também a colonialidade e a modernidade. Em pouco tempo, com a América (Latina) o capitalismo torna-se mundial, eurocentrado, e a colonialidade e modernidade instalam se associadas como eixos constitutivos do seu específico padrão de poder, até hoje (Quijano, 2009, p. 74).

A colonialidade, foi um conceito primeiramente introduzido por Quijano no final dos anos 80, e tem sua lógica atrelada a constituição da retórica da humanidade (Mignolo, 2017). Também é importante ressaltar que colonialidade e colonialismo não são a mesma coisa. O

colonialismo se refere ao processo e ao aparato de dominação político-militar que são implantados para garantir a exploração do trabalho e das riquezas das colônias em benefício do colonizador (Restrepo e Rojas, 2010). Na perspectiva da colonialidade, as antigas relações de colonizado/colonizador existem até hoje. Os Estados periféricos que, na teoria, estão oficialmente independentes, vivem, na prática, com pouca liberdade. Uma vez que a existência da estrutura de poder mundial enraizada por mais de 400 anos não desapareceu com a independência desses países, as nações vivem uma ilusão de independência e prosperidade econômica. O que podemos observar, na realidade, é que houve uma simples transição entre um período de colonialismo global, para um período de colonialidade global, com a exata mesma matriz colonial no poder, como afirma Maldonado Torres.

Colonialidade não significa o mesmo que colonialismo. Colonialismo denota uma relação político-econômica, na qual a soberania de um povo reside no poder de outro povo ou nação, o que constitui tal nação como um império. Diferente dessa ideia, a colonialidade se refere a um padrão de poder que emerge como resultado do colonialismo moderno, mas que ao invés de estar limitado a uma relação formal de poder entre dois povos ou nações, melhor se refere à forma como o trabalho, o conhecimento, a autoridade e as relações intersubjetivas se articulam entre si através do mercado capitalista mundial e da ideia de raça. Assim, ainda que o colonialismo tenha precedido à colonialidade, esta sobrevive após o fim do colonialismo. A colonialidade se mantém viva nos manuais de aprendizagem, nos critérios para os trabalhos acadêmicos, na cultura, no senso comum, na autoimagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos, e em tantos outros aspectos de nossa experiência moderna. Enfim, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente (Maldonado-Torres, 2007, p. 131. Minha tradução).

Assim o colonialismo ainda existe nos dias de hoje, porém sobe a forma de colonialidade (Santos e Meneses, 2009) e Quijano (2005), afirma que o principal problema causado pela colonialidade, foi a instauração de um poder egemonico global estabelecido como a colonialidade do poder.

Definida como a ocidentalização do ser (Quijano, 2005), a colonialidade do poder denota que o processo de colonização impôs os ideais eurocêntricos ao colonizado, reprimindo completamente os saberes destes. Assim o atual pensamento moderno é oriundo do resultado dessa tremenda força para substituir e apagar vozes, culturas, memórias, histórias por memórias compactadas, histórias contadas só de um lado e apenas uma cultura como sendo valida (Mignolo, 2005).

Outro sintoma que veio acompanhando com a colonialidade do poder foi a noção de raça. Segundo Quijano (2005), essa noção não existia até o descobrimento das américas e teve um grande papel no desenvolvimento do capitalismo até os dias de hoje.

A formação das novas relações sociais produziu novas identidade sociais como negros, índios e mestiços e redefiniu outras. Termos antes usados para identificar a procedência

geográfica da pessoa como espanhol, português e mais tarde o europeu, adquiriram também uma conotação racial. E ao longo do tempo, quando as relações sociais, que estavam se configurando eram relações de dominação, as novas identidades sociais passaram a ser associadas a hierarquias, lugares e papéis sociais e conseqüentemente ao seu novo padrão de dominação. Assim, basicamente, a raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população. (Quijano, 2005).

A filósofa Maria Lugones (Lugones, 2010), insere o conceito de gênero na ideia da colonialidade do poder. Lugones critica a limitação de Quijano às relações de raça, “ignorando” as de gênero, que também foram impostas aos colonizados com imposição da forma de pensar eurocêntrica. Para ela, o sistema colonial/moderno, imposto pela colonialidade, considera apenas os gêneros sendo homem e mulher, e assim, excluindo do sistema as mulheres de cor (aquelas que se diferenciam da mulher branca europeia, como as latinas, afrodescendentes, indígenas e asiáticas) e transgêneros. Lugones cita o exemplo do estudo da pesquisadora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí sobre a sociedade Iorubá do sudoeste da Nigéria:

A família Iorubá tradicional pode ser descrita como uma família não-generificada. É não-generificada porque papéis de parentesco e categorias não são diferenciados por gênero. Então, significativamente, os centros de poder dentro da família são difusos e não são especificados pelo gênero. Porque o princípio organizador fundamental no seio da família é antiguidade baseada na idade relativa, e não de gênero, as categorias de parentesco codificam antiguidade, e não gênero. Antiguidade é a classificação das pessoas com base em suas idades cronológicas. Daí as palavras *egbon*, referente ao irmão mais velho, e *aburo* para o irmão mais novo de quem fala, independentemente do gênero. O princípio da antiguidade é dinâmico e fluido; ao contrário do gênero, não é rígido ou estático. (Oyěwùmí, 2004: 6)

A partir da fala de Oyěwùmí, pode-se observar que além da noção de raça, o sistema patriarcal também foi trazido e inserido pela dominação europeia nas comunidades colonizadas. Esse fator transformou completamente a organização social e política dessas sociedades, as quais passaram a excluir as mulheres- agora caracterizadas como tais- das lideranças de seus grupos, por serem vistas como frágeis e submissas pelos ideais patriarcais (Lugones, 2010).

Com base no conceito de colonialidade do poder, houve vários estudos que visavam entender a relação entre a modernidade e a experiência colonial. Dessa forma, outros eixos de colonialidade foram desenvolvidos e, por isso, cabe destacar a colonialidade do ser e a colonialidade do saber.

Para Restrepo e Rojas (2010), a colonialidade do saber é a colonialidade exercida sobre o conhecimento, que visa evidenciar o buraco epistêmico existente em. Ela é a responsável pela subalternização e folclorização dos saberes que não correspondem com a produção de conhecimento ocidental.

A colonialidade do saber presume uma arrogância epistêmica para os quais se imaginam modernos e consideram que possuem os meios mais adequados de acesso à verdade e, portanto, supõem que podem manipular o mundo natural ou social de acordo com seus próprios interesses. Dessa forma, outras formas de conhecimento, geralmente associadas a populações não europeias, são descartadas, tidas ignorantes, subvalorizadas, inferiorizadas ou, em certas ocasiões, apropriadas pelo aparato europeu de produção de conhecimento teológico, filosófico e científico. (Restrepo e Rojas, 2010)

Já a colonialidade do ser Segundo Maldonado Torres (2009), surge a partir da relação direta de poder e conhecimento. Restrepo e Rojas (2010) relacionam ela à dimensão ontológica da colonialidade do poder, ou seja, à experiência vivida no sistema mundial moderno/colonial, na qual se inferiorizou e desumanizou total ou parcialmente determinadas populações, o que resultou no surgimento das nações colonizadoras como a expressão da própria humanidade. Mignolo, vincula essa noção com a ideia de exterioridade proposta por Dussel:

[...] A “exterioridade” (não precisamente o “exterior”) é a exterioridade na Totalidade do Ser, marcada pela história européia da Europa [...] Enquanto a “exterioridade” que Dussel introduz [...] É uma exterioridade do Ser (ontológica e dialogicamente conceituada) que introduz na colonialidade a face oculta da modernidade. Ou seja, uma exterioridade que começa a se construir a partir da história européia da Ásia, África e América Latina. Essa exterioridade (que não é exterior pois foi construída a partir do lugar da enunciação que se afirmava como ponto de referência) é o que sustenta a colonialidade do ser que a reflexão de Dussel descobriu, cujo pressuposto conceitual não mais ele é o ser concebido sob o pensamento do homem branco, europeu e pós-renascentista [...] (Mignolo, apud. Restrepero e Rojas 2010 : 156. Minha tradução).

A partir desse fragmento pode se entender melhor as particularidades da colonialidade do ser. Primeiro, o texto nos mostra a Totalidade do ser, que caracteriza ser como homem branco, heterossexual, europeu e pós-renascentista. Tal pensamento criou uma exterioridade em relação aos outros “seres”, a qual tornou a ontologia europeia o paradigma do mundo. Assim, a colonialidade do ser se consolidou no pensamento contemporâneo, o que resultou no sentimento de inferioridade e desumanização das ex-colônias, e de superioridade nas nações europeias (Restrepo e Rojas, 2010).

Portanto, o processo de colonização com os seus três eixos, colonialidade do poder, do saber e do ser, contribuíram para a hegemonia eurocêntrica na sociedade, e mesmo depois das independências das colônias, é perceptível que as características do colonialismo ainda está presente na sociedade moderna (Santos,2008). Assim, a partir desse contexto surgiram posteriormente os estudos pós coloniais, que contribuíram em seguida para a aparição do pensamento pós colonial.

2.3 Pensamento pós colonial e as epistemologias do Sul.

Santos (2004), define o pensamento Pós colonial como um conjunto de correntes teóricas e analíticas de todas as ciências sociais que dão primazia teoricamente e politicamente às relações desiguais, herdadas do colonialismo, entre o norte e o Sul global na explicação ou compreensão do mundo contemporâneo.

Essa corrente se insere dentro do debate da pós-modernidade, uma filosofia caracterizada pela análise crítica das ideias da modernidade, dessa forma abordando questões relativas às sociedades atuais como o multiculturalismo e as sociedades do Sul. Dentro das ciências sociais, ela tenta entender o caráter constitutivo do colonialismo na modernidade como um todo, não só as sociedades não ocidentais que foram as principais vítimas do colonialismo, mas também as próprias ocidentais, pois a partir das discriminações sociais, que podem ser vistas nas periferias, as estruturas de poder ficam mais visíveis (Santos, 2004).

Santos (2009), afirma que o pensamento moderno ocidental é um pensamento abissal. Esse consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, que são estabelecidas através de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o deste lado da linha (Europeu) e o do outro lado da linha (Países colonizado). Para Santos:

A característica fundamental do pensamento abissal é a impossibilidade da co-presença dos dois lados da linha. Este lado da linha só prevalece na medida em que esgota o campo da realidade relevante. Para além dela há apenas inexistência, invisibilidade e ausência não-dialéctica. Para dar um exemplo baseado no meu próprio trabalho, tenho vindo a caracterizar a modernidade ocidental como um paradigma fundado na tensão entre a regulação e a emancipação social (Santos, 2009 p, 24).

O autor define o conhecimento moderno como a manifestação mais vigente do pensamento abissal, responsável por umas das principais linhas abissais globais da modernidade. É nele que se verifica o monopólio da distinção universal do que é verdadeiro ou falso à ciência, em detrimento dos conhecimentos alternativos da filosofia e da teologia. Santos (2009), argumenta que apesar das disputas entre as áreas do conhecimento serem altamente visíveis para todos, só elas têm lugar na linha de pensamento eurocêntrica. A visibilidade dessas tensões só reforça a invisibilidade de outras formas de conhecimento:

“ [...] conhecimentos populares, leigos, plebeus, camponeses, ou indígenas do outro lado da linha. Eles desaparecem como conhecimentos relevantes ou comensuráveis por se encontrarem para além do universo do verdadeiro e do falso. [...] Do outro lado da linha, não há conhecimento real; existem crenças, opiniões, magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjectivos, que, na melhor das hipóteses, podem tornar-se objectos ou matéria-prima para a inquirição científica.” (Santos, 2009 p. 26).

Dessa forma a injustiça social global, vivida pelos povos do Sul, está intimamente ligada à injustiça cognitiva global, de modo que a luta pela justiça social global também deve ser uma luta pela justiça cognitiva global (Santos, 2007).

Assim essa luta precisa de um pensamento, um pensamento pós-abissal. Segundo Santos (2007), o pensamento pós-abissal, parte da premissa que a exclusão social assume diferentes formas, tanto visíveis como invisíveis, e enquanto essas exclusões existirem não será possível qualquer alternativa de pensamento pós-capitalista progressista. Assim ele se propõe a ser um novo pensamento para a sociedade atual, com uma justiça cognitiva global igualitária, ou seja, com uma construção cognitiva sem interferências externas, iguais a todos os habitantes, quebrando assim o padrão de conhecimento ocidental moderno.

Entretanto, cabe ressaltar, que esse novo pensamento moderno não pode se limitar a combater apenas a hegemonia da ciência moderna. É preciso incorporar a noção de ciências, os saberes alternativos que são considerados hoje como não científicos. A universalidade atual do saber se caracteriza pela não apropriação do conhecimento e cultura de todos os povos e até mesmo a negação da existência de outros saberes, que são tão importantes e necessários quanto (Santos, 2009).

Porém, é possível a quebra do paradigma do pensamento moderno atual, sem a destruição da ciência moderna? Será possível uma convivência harmoniosa entre os saberes científicos e os não científicos? Para esse cenário desafiador, Santos (2009), arquiteta três correntes o cosmopolitismo subalterno, a tradução inter-cultural, e a ecologia de saberes.

O cosmopolitismo subalterno contém a promessa das sociologias das ausências e das emergências. Ele surge como um alternativo à modernidade e se manifesta-se através das iniciativas e movimentos que constituem a globalização contra hegemônica lutando contra a exclusão social, econômica, política e cultural gerada pela mais recente encarnação do capitalismo global, conhecida como globalização neoliberal (Santos, 2007; 2020 A).

A tradução inter-cultural se propões em juntar as experiências dos saberes hoje desprezados pela ciência, aos saberes ocidentais como complemento e fundamento de novos conceitos sobre sociedade, cultura, justiça, cidadania. Estas experiências não só usam linguagens diferentes, mas também distintas categorias, diferentes universos simbólicos e aspirações a uma vida melhor, dessa forma se busca uma interpretação e tradução dessas experiências para que possam ficar disponíveis a todos. (Santos, 2009).

Por último a ecologia dos saberes, que tem como premissas o conhecimento ser o interconhecimento, e que existe uma diversidade inesgotável de epistemologias pelo mundo.

Entretanto existe uma intolerância com as formas de saber e pensar. O conhecimento definido como o certo pelo norte global, ocasionou um epistemicídio de culturas, assim uma imensa experiência cognitiva foi desperdiçada (Santos, 2009). O objetivo da ecologia dos saberes é reconhecer todo o tipo de conhecimento, e com o auxílio da tradução inter-cultural e a artesanaria das práticas, criar interações sustentáveis e dinâmicas entre todos os tipos de conhecimento (inclusive a ciência moderna) sem comprometer a sua autonomia, como é exemplificado por Santos:

“A preocupação da preservação da biodiversidade pode levar a uma ecologia entre o saber científico e o saber camponês ou indígena. A preocupação da luta contra a discriminação pode conduzir a uma ecologia entre saberes produzidos por diferentes movimentos sociais: feministas, antirracistas, de orientação sexual, de direitos humanos, indígenas, afrodescendentes, etc., etc. A preocupação com a dimensão espiritual da transformação social pode levar a ecologias entre saberes religiosos e seculares, entre ciência e misticismo, entre teologias da libertação (feministas, pós-coloniais) e filosofias ocidentais, orientais, indígenas, africanas, etc. A preocupação com a dimensão ética e artística da transformação social pode incluir todos esses saberes e ainda as humanidades, no seu conjunto, a literatura e as artes.” (Santos, 2008 p.30).

Assim, Santos (2009) define essas diversidades epistemológicas como epistemologias do Sul. Ela é o conjunto de todas as intervenções epistemológicas que denunciam o menosprezo dos saberes que foram descartados ao longo dos últimos séculos, pela epistemologia dominante valorizam os saberes que resistiram com êxito e investigam as condições de um diálogo horizontal entre todos os conhecimentos.

Dessa forma, todos os autores abordados no subcapítulo anterior, compartilham os objetivos das epistemologias do Sul, mesmo que não desginem dessa forma as suas pesquisas. As epistemologias do Sul são um convite para que todos possam desfrutar os conhecimentos e experiências do mundo, incluindo, depois de modificadas, as experiências do norte global. Ela cria pontes sem precedentes de intercomunicação, com novas vias de diálogo. Ele parte do pressuposto que no plano epistemológico, o mundo não se pode contentar com um breve resumo de si próprio. As energias devem se concentrar na valorização da diversidade dos saberes para que a intencionalidade e a inteligibilidade das práticas sociais seja a mais ampla e democrática a todos. (Santos, 2009).

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando que o objetivo do trabalho se propôs a a efetividade dos textos culturais, na percepção a respeito de temáticas tangentes a opressão causada pelo colonialismo, sob a ótica de estudantes de Administração Pública da Universidade Federal do Estado do Rio de

Janeiro (UNIRIO), esta acaba sendo um passo natural para uma pesquisa de cunho qualitativo, já que esta categoria de pesquisa segundo Bauer e Gaskel (2002) se caracteriza por querer entender a “compreensão do outro”, que tem como um dos seus principais objetivos conseguir enxergar e entender através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados.

Em relação aos níveis de pesquisa, esse trabalho se identifica como uma pesquisa exploratória, que é a mais indicada quando as informações sobre o problema são restritas e pouco exploradas, ela se caracteriza pela maior flexibilidade na coleta de informações (Gil, 2008). O principal objetivo da pesquisa exploratória é a formulação de questões ou de algum problema, com a finalidade de aumentar o conhecimento sobre o tema, desenvolvimento de hipóteses e a clarificação de conceitos (Lakatos e Marconi, 2003).

A entrevista de grupos focais são um dos tipos de pesquisa qualitativa e exploratória (Vergara, 2013), que foi escolhida pela presente pesquisa como principal técnica de coleta de dados.

Grupos focais consistem em um debate aberto entre um pequeno número de pessoas que se reúnem para debater um assunto de interesse comum. Tradicionalmente, os encontros compreendem seis a oito pessoas, com duração entre uma e duas horas e são conduzidas por um moderador (Bauer e Gaskel, 2002).

Morgan (1988), defende que a adequabilidade do uso do grupo de foco se define em como facilmente e ativamente os participantes do grupo discutiriam o tópico de interesse da pesquisa. Segundo o autor, o grupo de foco é apropriado quando o objetivo é explicar como as pessoas consideram uma experiência, ideia ou evento, uma vez que a discussão é efetiva em fornecer informações sobre o que as pessoas pensam ou sentem ou, mesmo, sobre a forma como agem com relação ao assunto. No caso deste trabalho, como o assunto abordado foram os textos culturais, mais precisamente recursos visuais em forma de vídeos que estão disponíveis a qualquer pessoa com acesso a televisão ou internet, os participantes dos grupos de foco já possuíam bastante familiaridade com o material utilizado, o que gerou bastante interesse e, conseqüentemente, um grande envolvimento com a pesquisa.

Embora tradicionalmente, as entrevistas dos grupos de foco sejam feitas com pessoas desconhecidas entre si, essa pesquisa não pode ser realizada dessa forma, devido a todos os participantes serem da mesma universidade e por isso possuem algum grau de relacionamento. Há casos em que uma familiaridade entre os membros é uma vantagem, pois podem ocorrer discussões que vão além das perguntas, causadas pela relação pré-existente entre os membros (Bauer e Gaskel, 2002).

Para a realização do campo do presente trabalho, foram formados quatro grupos de alunos e ex-alunos de Administração Pública da Unirio. As entrevistas foram feitas a partir da plataforma online Google Meet para que os grupos pudessem ser filmados e integralmente transcritos. Além disso a pesquisa também é bibliográfica, caracterizada com o estudo desenvolvido a partir do material publicado em livros, artigos, revistas que foi feito no referencial teórico.

3.1 Seleção dos sujeitos

Foram realizados quatro grupos com cinco participantes em cada totalizando vinte pessoas envolvidas. Todos os participantes são ou foram alunos de Administração Pública da Unirio.

O perfil resumido dos participantes se encontra no quadro abaixo. Cada encontro foi formado com a ideia de mesclagem de conhecimentos e vivências, assim os grupos possuíam no mínimo uma pessoa formada, uma pessoa ativa no curso e uma diversidade de gêneros e de etnias. Todas as informações apresentadas no quadro abaixo, foram declaradas pelos participantes e, apesar de todos terem concordado em serem identificados, optou-se por não usar seus nomes verdadeiros.

Participante	Grupo	Período	Idade	Gênero	Etnia
Participante 1	1	Egresso	23 anos	Feminino	Branca
Participante 2	1	8º Período	22 anos	Masculino	Branca
Participante 3	1	Egresso	23 anos	Feminino	Parda
Participante 4	1	10º Período	23 anos	Feminino	Branca
Participante 5	1	6º Período	23 anos	Feminino	Parda
Participante 6	2	Egresso	22 anos	Feminino	Branca
Participante 7	2	Egresso	27 anos	Masculino	Parda
Participante 8	2	8º Período	22 anos	Feminino	Branca
Participante 9	2	9º Período	23 anos	Masculino	Negra
Participante 10	2	Egresso	24 anos	Masculino	Parda
Participante 11	3	Egresso	23 anos	Feminino	Parda
Participante 12	3	Egresso	25 anos	Feminino	Parda
Participante 13	3	11º Período	29 anos	Masculino	Parda
Participante 14	3	6º Período	24 anos	Feminino	Parda
Participante 15	3	9º Período	25 anos	Feminino	Negra
Participante 16	4	Egresso	32 anos	Masculino	Branca
Participante 17	4	10º Período	24 anos	Feminino	Branca
Participante 18	4	10º Período	23 anos	Feminino	Branca
Participante 19	4	9º Período	22 anos	Masculino	Parda
Participante 20	4	10º Período	25 anos	Feminino	Parda

Fonte: Autoria Própria

3.2 Coleta de dados

Em decorrência da necessidade de isolamento social devido a pandemia da Covid-19, optou-se pela realização do grupo focal na plataforma Google Meet, apoiando-se nas possibilidades de comunicação, colaboração, gravação e armazenamento da ferramenta.

Apesar de não ser a forma mais tradicional, os grupos de foco online se assemelham muito ao grupo de foco presencial (Abreu, Baldanza e Godim, 2009). Sua principal diferença, que também é sua maior vantagem, é a realização dentro de um ambiente virtual, dispensando a presença física dos participantes.

Como exemplos de alguns dos benefícios da utilização dos grupos de foco online os autores supracitados destacam a conveniência, pois o pesquisador e os participantes não precisam se deslocar para lugares predeterminados, além do custo reduzido e da rapidez para coletar e registrar informações a serem futuramente analisadas. Além disso, os grupos de foco online geram uma espontaneidade pela situação familiar que os participantes possuem com esse método, uma vez que as plataformas são usadas frequentemente como meio de comunicação, o que torna o ambiente bastante comum e confortável para todos (Abreu, Baldanza e Godim, 2009).

De um modo geral, apesar da necessidade do uso do grupo de foco online devido as circunstâncias que se encontraram durante essa pesquisa, o uso dele pode ser mais vantajoso do que a forma tradicional. A possibilidade de uma grande coleta de dados em curto espaço de tempo, a oportunidade do aumento de número de participantes, a discussão de temas mais polêmicos que seriam mais difíceis de serem falados em reuniões presenciais, além da questão econômica, todos esses são fatores que comprovam essa premissa (Abreu, Baldanza e Godim, 2009).

Os grupos de focos foram acompanhadas com a exibição de trechos de filmes, de comerciais e até mesmo de notícias, que segundo Vergara (2008), são caracterizadas como técnicas projetivas. A autora define que tal técnica serve para como complemento a várias outras técnicas, pois servem de estímulo aos participantes e acaba despertando valores, crenças, atitudes e sentimentos. Por fim elas acabam demandando dos participantes uma resposta a situação que está sob investigação, o que muitas vezes não é obtido com as entrevistas tradicionais.

Todos os vídeos utilizados por essa pesquisa estão disponíveis no ANEXO 1 sob a forma de QR code. Para que os leitores desse trabalho, possam acompanhar e entender da melhor forma possível os resultados dessa pesquisa.

A coleta de dados através da realização dos quatro grupos focais foi feita no mês de Março de 2021, com a utilização de um roteiro direcionador.

As entrevistas começavam, com o mediador explicando como iria ser o trabalho. Como a entrevista era aplicada utilizando grupos focais, esta etapa é importante pois é considerada como um quebra gelo, e assim deixando os participantes mais à vontade. Então era avisado que as entrevistas iriam ser gravadas, para que o mediador (autor deste TCC) não precisasse anotar tudo que estava sendo falado simultaneamente com as entrevistas, assim melhorando a interação com o grupo.

Em seguida, entrava-se no assunto sobre o que era colonialismo para os participantes, buscando-se entender qual era a noção prévia de colonialismo de cada um deles. Acompanhado dessa pergunta foi questionado aos participantes quando eles tiveram mais contato com o tema. Buscou-se observar com essas perguntas se os participantes iriam trazer uma noção de colonialismo que é ensinada nas escolas, como a chegada dos povos colonizadores nas Américas, e a escravidão dos índios e dos povos africanos.

Após essas perguntas, ingressava-se nas etapas das exibições dos vídeos. Primeiro foram mostradas duas cenas: A cena da chegada dos navios franceses na sátira “Caramuru – A Invenção do Brasil” (Texto curatorial I) e a cena do primeiro contato entre o inglês John Smith e a índia Pocahontas no filme “Pocahontas” (Texto curatorial II). A intenção dessas cenas foi em averiguar se a noção original de colonialismo iria se manter ou se iria despertar outras noções de colonialismo entre participantes.

Antes da exibição do próximo vídeo, foi levantada a questão aos participantes se ainda existe colonialismo nos dias de hoje. Logo em seguida é passado parte do curta “Babás” (Texto curatorial III). A intenção desse tópico foi em entender se os participantes ainda mantinham a noção anterior de colonialismo e se essa noção iria continuar depois do curta. Acompanhado do vídeo, foi perguntado se o curta falava sobre colonialismo e se eles lembram de outros filmes, séries, livros, anúncios que falavam sobre o tema.

Depois desse tema, introduzia-se uma ampliação maior do colonialismo. A fim de analisar se os participantes conseguiriam enxergar esse tópico foram mostrados novamente dois vídeos: o primeiro feito foi um copilado de vídeos da plataforma Youtube que abordavam sobre

séries, empresas, músicas que tinham uma forte influência americana ao redor do mundo (Texto cultural IV) e o trailer do documentário “The True Cost” (Texto cultural V). Outro assunto levantado foi se os participantes conseguiam enxergar outras influências por partes dos países ditos como “desenvolvido” no dia a dia.

O último vídeo mostrado contia cenas da sátira “Trovão Tropical” (Texto cultural VI). Foram escolhidas as cenas do ator Ben Stiller interpretando o personagem “Simples Jack” e a cena em que Bem Stiller e Robert Downey Jr conversam sobre o personagem “Simples Jack”.

Então foi novamente perguntado se os participantes conseguiam ver colonialismo na cena.

Finalmente, depois de todos os vídeos e debates, foi perguntado se os participantes fossem um diretor e tivessem que fazer um filme que abordasse colonialismo, o que eles abordariam no filme. Depois foi questionado se os participantes acham que filmes, séries, vídeos podem mudar a visão ou acrescentar algo a pessoa sobre algum tema. Por fim, foi perguntado novamente a cada convidado o que era colonialismo.

3.3 Tratamento de dados

Esta pesquisa teve seu tratamento dos dados baseados na análise de conteúdo fundamentada nas transcrições dos grupos. Gil (2008), nos fala que é uma técnica de análise que através de uma descrição objetiva e sistemática do conteúdo, resulta da interpretação da comunicação.

A análise de conteúdo se desenvolve em três fases: A pré análise que é o estudo e escolha dos documentos, a formulação de hipóteses e a preparação do material para análise. Depois vem a escolha do material, que é o tratamento do material escolhido na pré análise que resulta na escolha de indicadores, enumeradores e categorias. Por último o tratamento dos dados, a inferência e a interpretação, que objetivam tornar os dados válidos e significativos.

Depois da transcrição, foram separados os principais elementos das entrevistas em tópicos tendo sido eleitos os seguintes como principais:

Colonialismo: Qual a noção inicial de um administrador público?

Colonialismo e o século XXI.

A raça como forma de dominação.

Globalização x Colonialismo.

A exploração capitalista.

Invisibilidade das pessoas com deficiência (PCD).

Retornando ao Colonialismo.

Tais tópicos derão origem às categorias de análise que serão apresentadas no próximo capítulo.

3.4 Limitações do método.

Conforme afirma Vergara (2013), o método utilizado possui algumas limitações, tais como a dependência da disposição de tempo dos entrevistados, a retenção de alguns dados importantes em caso em que existe receio sobre a informação de alguns dados específicos, a possibilidade de o entrevistado ser influenciado, inconscientemente pelo entrevistador ou pelo grupo em que está participando

Já em relação ao tratamento dos dados, a análise de conteúdo abrange um discurso elaborado sobre qualidade, nas quais as principais preocupações estão na fidedignidade e a validade e as limitações desses critérios encontram-se justamente nesse dilema entre os dois termos, já que a análise de conteúdo não pode simplesmente supor um valor verdadeiro do texto. Além disso, a análise de conteúdo apresenta dados primários a nível coletivo, por isso ela pode acabar sendo um caminho “barato” para estabelecer tendências sociais. As separações de unidades de análise também podem introduzir inexatidões de interpretações, nas quais citações fora do contexto podem ser enganadoras. Por último, devido às pesquisas rápidas e nebulosas, esse método sofreu as consequências, deixando a impressão de que pode provar tudo. (BAUER, 2002).

Em relação ao grupo de foco, foram encontradas dificuldades como o volume e o tempo de resposta de cada candidato o que acabou as vezes prejudicando o fluxo da conversa e a participação dos participantes. A qualidade na conexão dos participantes e do próprio mediador que ocasionou a perda de conexão e as vezes a dificuldade de entendimento das falas. Além da dificuldade de encontrar todos os participantes que pudessem participar no mesmo horário.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1 Colonialismo: Qual a noção inicial de um administrador público ?

A partir do entendimento das epistemologias do Sul proposta por Santos (2009), concluiu-se que para entender a sociedade moderna, é necessário entender o que é colonialismo. Dessa forma, em todos os grupos de foco, antes de serem passados quaisquer textos culturais, foi perguntado para cada entrevistado qual era a sua noção por colonialismo.

De maneira geral as discussões feitas no grupo de foco se concentraram no colonialismo histórico, neste primeiro momento os participantes demonstram pensar que o colonialismo é um tipo de dominação que ficou no passado:

Participante 7: “Me faz lembrar o descobrimento do Brasil. O Brasil colônia. O Brasil sendo colônia de Portugal.”

Participante 14: “Quando eu penso em colonialismo, me remete a poder em posse de terra. Para eu ser poderoso eu tenho que ter terra. Conseqüentemente, vem a questão da dominação da exploração e querer expandir os horizontes.”

Participante 3: “Acho que principalmente países europeus chegando na África, na Ásia e na América as colonizando. O primeiro contato com o homem não branco, o índio. Me lembrou muito isso.”

Outro fator interessante, foi que a grande maioria dos entrevistados disse que só teve contato com o tema, quanto estavam na escola:

Participante 8: “Lembro desse tema a ser abordado no Fundamental, no ensino médio e quando eu estudei para o Enem. Mas na faculdade não me recordo desse assunto”.

Participante 7: “Eu me recordo isso sendo tratado na escola mesmo. Era um tema recorrente durante as aulas do quinto ano até o eu me formar”.

Depoimentos como os apresentados anteriormente, mostram que os entrevistados tratam o colonialismo como um tópico ou um tema das salas de aulas, como geometria ou literatura e não como algo presente em seu dia a dia.

4.2 Colonialismo e o século XXI.

Logo após a exibição dos textos culturais I e II, foi perguntado aos participantes do grupo de foco se eles achavam que existia colonialismo nos dias de hoje:

Participante 4: “A visão preconceituosa especialmente em relação América Latina ainda é muito presente.” As pessoas que moram lá são subdesenvolvidas, lá só tem “mato”. Muita gente acha isso, especialmente nos Estados Unidos e na Europa, pessoas que nunca vieram para América Latina ou procuraram saber como a gente vive. Que na realidade é muito parecido como eles vivem porque nós estamos sempre tentando imitar eles.”

Participante 1: “Vou pegar uma coisa bem atual. a fala da “Karol Conka” no Big Brother, falando que porque a Juliette é do Nordeste ela grita, ela é assim porque ela não foi educada. Então você vê que ainda existem, em algumas ações essa superioridade, por exemplo o povo do Sul do Brasil falando que vai ter que educar as pessoas. Além de preconceito e xenofobia eu acho que é uma forma da gente ver esse colonialismo. Por exemplo querer passar uma cultura como superior, eu acredito que esse seja um exemplo nos dias de hoje.”

Segundo a proposta da colonialidade de Quijano (2005), as respostas para as perguntas feitas na questão de cima seria: Sim isso é colonialismo.

As falas dos participantes dos grupos de foco, focaram principalmente na questão da dominação cultural, um dos efeitos da colonialidade do poder. Essa visão afirma que hoje o mundo possui uma mente que predomina o pensamento hegemônico europeu, isso inclui os próprios habitantes do Sul que repetem os mesmos pensamentos, como foi levantado pelos participantes.

Outro fator que gerador da colonialidade, é a supremacia financeira dos países do norte, que unida a noção de superioridade em relação aos povos do Sul, geram uma forma de comunicação obrigatória entre os países: o inglês (Mignolo, 2017). O mercado capitalista é dominado por empresas norte-americanas ou europeias, que apesar de estarem na maioria dos países do mundo, com diferentes línguas, é imposta a necessidade do aprendizado de inglês. O que acaba virando quase uma regra para a inserção das pessoas no capitalismo:

Participante 15: “Eu não sei bem se o que eu vou falar é uma forma de colonialismo. Quando a gente impõe algo a uma pessoa que tem uma cultura diferente, mostrando que a da pessoa estaria errada, isso seria uma forma de colonialismo? Por exemplo idioma que hoje é algo fundamental para o setor profissional. Quem definiu que o inglês é a ferramenta principal? Se você não tem inglês você não está inserido no mercado de trabalho. Para mim isso é colonialismo. Os Estados Unidos são a máquina principal, se você não tiver inglês, se você não tiver um intercâmbio, você é excluído, eu acho que isso é uma forma diferente de colonialismo. Eu acho que a gente só se atualizou, a gente finge que algo mais simples, mas na verdade não é.”

Participante 13: “Uma coisa que me chamou muita atenção vídeo, foram as pessoas ao redor do mundo aprendendo inglês. Eu por exemplo estou consumindo muita coisa Americana, eu escuto muito podcast em inglês porque eu sei que hoje é necessário falar em inglês. É uma habilidade que eu preciso desenvolver, então muito do que eu consumo de Cultura, eu peso muito na minha escolha, porque naquele momento eu estou treinando inglês. É uma imposição muito sutil e influencia meus hábitos. Não sei se vocês viram aquela série Lupin que é francesa, eu demorei muito para assistir essa série porque ela era em francês eu estou nessa pegada de aprender inglês. Então eu não consumo nada que não seja em inglês, inclusive coisas nacionais. Aquela série cidade invisível que todo mundo fala bem,

eu não assisti ainda porque o momento que eu tenho de lazer eu estou muito preocupado em melhorar meu inglês.

Depoimentos como os últimos apresentados, indicam que a dominação cultural está tão enraizada que as pessoas sequer percebem que estão sendo manipuladas. A ideia do pensamento abissal, presente no pensamento moderno, discutida por Santos (2009), aborda esse cenário a medida que existem linhas imaginárias que excluem outros saberes e culturas, e no caso discutido, corroboram para a diminuição da própria comunicação em outras línguas não hegemônicas.

4.3 A raça como forma de dominação.

Para Quijano (2005) a ideia de raça foi a principal hegemonia herdada do colonialismo. Ela foi a porta de entrada para outras hegemonias como as dominações sociais e o capitalismo. Porém apesar de ser a principal em nenhum momento nenhum entrevistado sequer mencionou a questão de raça. Pelo menos até o terceiro texto cultural.

A partir do texto, foi unânime os debates ligando a questão de raça com o colonialismo:

Participante 7: “Eu também enxergo claramente como um reflexo da própria escravidão. Os serviços são bem semelhantes apesar de um ser remunerado e outro não. Mas as funções das amas de leite e das babas se assemelham muito. A falta de tempo para elas, como apareceu no próprio vídeo, elas trabalhavam de segunda a sábado, se assemelham muito as duas situações. A pessoa acaba abdicando da própria vida. Eu mesmo durante a minha infância tive uma babá que ficava durante toda semana na minha casa, de segunda a sexta, e só ia no final de semana para casa, e ela tinha uma filha pequena. Uma situação bem complicada que a gente não para nunca para analisar.”

Participante 16: “É uma Relação que vem se perpetuando desde a época da escravidão até hoje. É essa relação do colonialismo de diminuir outras raças e tirar vantagem sobre elas por meio de dominação seja econômica, ou social. Isso fica muito evidente porque são empregadas negras de patrões brancos com maior poder econômico. E o colonialismo fica muito evidente porque na maioria das vezes elas são invisibilizadas. Nos vídeos elas aparecem pouco, nas fotos que elas são arrumadas para que elas “apareçam bem” e são excluídas de certa maneira da própria vida. Elas têm muita dificuldade em formar uma família, e a prioridade é a família dos outros.”

O exemplo das empregadas domésticas assinalados pelos entrevistados é a clara ilustração da colonialidade. Quijano (2005) usa o termo tecnologia da dominação para justificar esse fenômeno. A noção de raça, inventada pelos povos do norte, serviu para legitimar e naturalizar as relações de dominação e estruturar a divisão de trabalhos. Porém essa dominação não ocorre apenas fisicamente, como também cognitivamente:

Participante 4: “Elevador de serviço é um exemplo. Todo o prédio tem e quem usa é a babá e empregada. E isso que é engraçado, é tão natural que elas não se sentem mal em usar um elevador diferente. A minha diarista que vem aqui uma vez por semana, a gente fala “Mônica vai para elevador da frente” e ela responde “não, não quero ir não”. É uma coisa tão enraizada. Ela não quer ir de jeito nenhum. Provavelmente alguém já brigou com ela por causa disso ela nem quer se arriscar e fazer uma coisa dessas.”

O exemplo acima, além de mostrar um exemplo da classificação social e inferiorização epistemológica, ele exemplifica a colonização de perspectivas. A diarista se negar a usar elevador social, evidencia o ainda presente pensamento colonial dentro do próprio oprimido. Dessa forma, fica muito claro a ideia da supremacia racial branca em relação a outras quaisquer raças não brancas.

4.4 Globalização x Colonialismo.

Diferente do colonialismo, a palavra globalização está na moda. Ela é recorrentemente usada em diversos objetos midiáticos e sempre de forma positiva (Bauman, 1999). Dessa forma, para a grande maioria das pessoas ela seria algo bom, ela é ligada a felicidade e modernidade, algo que seria completamente inevitável. Essa visão de que a globalização é positiva para todos, foi muito presente nas falas dos participantes.

Assim, esse tópico serve além de tudo, para o mostrar o grande poder de influência dos textos culturais no cognitivo de seu consumidor. O quarto vídeo passado aos entrevistados, vai de contra a um pensamento que é massivamente exposto pela mídia, dessa forma, mesmo vendo um conteúdo que trazia questões de colonialismo, os participantes pareceram enxergar o que estava sendo passado como exemplo de globalização.

Participante 12: “Na minha visão de colonialismo eu não enxergo dessa forma. Eu entendo que se a gente for parar para pensar de todo o tipo de cultura, de valor de outros países que chegam até a gente, é colonialismo, a gente perde a noção de globalização. [...] Eu não enxergo, porque não é uma imposição. Eu gosto de k-pop, mas não é uma coisa que eu sou louca por, não é uma coisa que alguém impôs, é uma coisa que eu gosto que eu escuto e eu procuro sobre ou não. Da mesma forma eu adoro comida italiana, mas eu não acho que é uma forma de imposição da Itália sobre mim. Eu entendo como globalização. Da mesma forma de ter McDonald's na Arábia, não é uma forma de colonização dos Estados Unidos.”

Participante 19: “Eu acho que tem um pouquinho de colonialismo, mas hoje a gente consideraria que é a globalização. É algo que está acontecendo inevitavelmente vai continuar acontecendo. Porque é essa a tendência do mundo com os meios de comunicação, acessíveis para boa parte da população mundial, a tendência é essa

miscigenação da cultura.”

Participante 11: “[...] acho que a gente tem que pensar na questão de consumo. Nós não somos obrigados a consumir o BTS. Eles são uma cultura que a gente não tinha o costume de consumir. A minha irmã é obcecada por eles, e aqui no grupo já somos três que conhecem ele e agora estão consumindo a cultura coreana. Mas a gente tem que pensar que nós não somos obrigados a isso.”

Participante 11: “O ponto do McDonald's e da Disney em outros países é um ponto interessante. O McDonald's em si é algo da cultura americana, eles não são algo que você precisa consumir, por exemplo eu fui à Nova Zelândia e lá tinha McDonald's. Mas a questão da Carne é diferente na cultura deles. Então você tinha muita carne de porco, muita carne de ovelha e muita coisa vegetariana por conta da cultura deles. Então quando você ia no McDonald's, você não encontrava os mesmos hambúrgueres que você veria nos Estados Unidos, no Brasil ou em outro lugar. Então é uma questão de adaptação, os Estados Unidos levar a cultura deles, não a impondo, mas se adaptando.”

Enxergar a dominação dos países do Norte como naturais efeitos da globalização parece ser uma perigosa maneira de naturalizar o colonialismo e seus efeitos. Uma justificativa para tal percepção por parte dos participantes da pesquisa é dada por Tonon (2010), que enfatiza que em algumas ocasiões, as representações da realidade são transformadas pela resistência do público em aceitá-las como legítimas. O significado de determinado conteúdo varia de pessoa para a pessoa, de acordo com o referencial cultural, social e identitário que cada indivíduo estabelece em suas relações sociais ou culturais. Ou seja, conforme mais enraizado um pensamento for para um indivíduo, será necessário um maior esforço para mudar tal pensamento.

Em contrapartida, outros entrevistados passaram a aderir em suas discussões sobre colonialismo a globalização de maneira crítica:

Participante 4: “[...] A Anitta teve que pegar traços de uma cultura que já é mundialmente aceita. Então quando a gente fala de colonialismo, apesar de não existir mais essa força de impor algo, a gente tem os Estados Unidos forçando o que é bom, o que é certo, o que vende. Eles determinam muita coisa ainda. Então por bem ou mal eu acho que isso é um colonialismo que está ainda presente hoje em dia. Por mais que seja de uma forma diferente do que era antes [...] eles estão forçando que a cultura deles é a certa de que é a que vale. Eles não vêm com armas, mas o poder Econômico desses que é muito mais forte que os outros, essa acaba sendo a nova arma atual”

Participante 16: “Eu acho que é um modo de colonialismo. Mas ele é sutil, ele não é deliberado como os outros. Ele também deriva da questão histórica, essas potências principalmente Estados Unidos, como tem grande poder econômico, elas passam também a ter grande poder de dominação cultural. O idioma passou a ser, o dólar passou a ser. Tudo isso colaborou para que a dominação cultural se expandisse cada vez mais. E com a expansão de das Comunicações de massa, fica muito mais fácil de se globalizar. Toda a cultura, que o país de maior poder econômico social possui, acaba influenciando nos outros países em outras culturas, acaba que anulando também alguns aspectos das próprias culturas. No Japão isso é muito visível. É uma questão de como a indústria cultural, se desenvolve em grande parte por questões do poder econômico.”

Para Santos (2002), a globalização não é algo novo. Ela é uma reafirmação das dominações que começaram no século XVI, porém dessa vez sem o uso claro da força e da violência física. Essa nova dominação, se disfarça e se protege dentro do sistema capitalista que o mundo está inserido, e é disseminado pelas novas tecnologias disponíveis. As imposições culturais citadas pelos entrevistados são exemplos claros dessa dominação. Conclui se que os países hegemônicos como os Estados Unidos e os europeus, ditam os rumos da sociedade. O que deve ser certo, o errado. E o resultado disso, é que as relações coloniais seguem vivas hoje em dia, dominadas pela lógica do capitalismo.

4.5 A exploração capitalista.

Apesar das opiniões dos entrevistados no tópico anterior serem divididas, quando o quinto texto cultural abordou o eixo da exploração capitalista da globalização, as opiniões voltaram a se coincidir:

Participante 6: “É como ele fala no filme: a premissa da globalização era todo mundo ganhar. Mas no final das contas a gente está vendo uma indústria que vem da cultura americana especialmente, com os ideais do capitalismo selvagem, consumo em massa. Justamente o que faz a gente querer comprar roupa toda hora, comprar uma roupa num dia na outra semana já querer comprar outra nova. Essa cultura do consumo acaba destruindo parte do mundo que a gente não enxerga, tudo mais ou menos o que a gente já havia dito.”

Participante 16: “Eles buscam mão de obra em outros países, onde tem a desigualdade social mais elevada, e com maior vulnerabilidade social. E aí eles encontram todas as condições que eles precisam para conseguir um lucro maior. Isso não acontece só na indústria da moda. Fabricam algo na China com a pessoa recebendo centavo e vendem por um valor estratosférico em outros países. Então é uma outra faceta sim, que vem de outra época devido o colonialismo.”

As falas dos entrevistados, se baseiam da lógica do consumo, que é imposta a sociedade capitalista. Segundo Bauman (1999), para ser aceito dentro da sociedade é necessário consumir, e para produzir esse grande consumo é necessário que exista a exclusão e a desigualdade social.

Um fator interessante observado durante as discussões, é a não associação das desigualdades sociais como culpa da globalização e do colonialismo por parte de alguns entrevistados.

Participante 19: “Eu acho que você tem a ver com a desigualdade social, eu já não conecto muito com o colonialismo.”

Participante 11: “Acho que no próprio vídeo fica marcado o que é globalização e o que é colonialismo. Quando você fala em colocar fábricas em outros países, acaba sendo a mesma questão do documentário das babás, essas pessoas não estão trabalhando nas fábricas, porque é a vocação deles, eles trabalham lá porque é uma questão extremamente necessária. Eles não tiveram oportunidade de

desenvolvimento de capacitação para eles terem outras oportunidades na vida. Esse é o ponto do colonialismo. [...] quando a gente fala de globalização está mais ligado a colocar sua cultura nos outros países. Essa parte que a gente chama de moda hoje, acaba vindo da França, dos Estados Unidos é trazido para a gente e a gente consome exatamente igual. A gente vê o mesmo modelo de roupa em várias lojas diferentes. A gente vê a questão também de uma roupa sendo super cara e você encontra dias depois uma "gêmea pobre" dela super barata em outra loja, para que as pessoas que não tem acesso aquele tipo de roupa, possam consumir uma exatamente igual, e isso eu acho que seja globalização."

Segundo as epistemologias do Sul (Santos, 2009), o exemplo da desigualdade social falado pelos entrevistados, é justamente um dos fatores que ligam o colonialismo com a globalização. Bauman (1999), usa o termo "glocalização", para explicar esse fenômeno descrito, onde a globalização só favorece uma parte do mundo. Ela seria apenas local enquanto o resto do mundo segue com as mesmas relações de dominações de antigamente.

4.6 Invisibilidade das pessoas com deficiência (PCD).

Faria e Casotti (2014), abordam que pessoas que não possuem contato com pessoas com deficiência, possuem seu pensamento em relação a eles atrelada a imagem produzida pelos textos culturais. Tais imagens, reproduzem a concepção hegemônica opressora dos deficientes, como seres dignos de pena, dependentes de suas famílias, inúteis e a reprodução de estereótipos.

O último texto cultural apresentado durante o grupo de foco, era uma sátira a uma das formas que os deficientes são tratados dentro do cinema: indivíduos de grande bravura diante da grande tragédia de suas vidas.

Destaca-se, que apenas uma pessoa dentre todos os grupos de foco falou sobre a sátira e a forma de dominação opressora em relação aos PCD, todas as outras pessoas não notaram nenhuma dominação dentro do filme. Inclusive os próprios participantes do grupo da pessoa que notou, discordaram de sua ideia.

Isso prova o tamanho da invisibilidade e da normalização dos estereótipos das PCD. A naturalização da cena mostrada no texto cultural, mostra a urgente necessidade de outros textos culturais contra esse pensamento hegemônico.

4.7 Retornando ao colonialismo.

Como já foi abordado no primeiro tópico dessa análise, a noção inicial de cada participante do grupo de foco em relação ao colonialismo se remetia muito ao colonialismo

histórico. Algo que existiu no passado, mas que não era mais presente no nosso dia a dia.

No entanto, como pode ser notado pelos outros tópicos de análise, a partir da exibição dos textos culturais, outros pontos foram se agregando as discussões e falas dos participantes. Assim, no final da pesquisa, foi novamente questionado aos participantes qual era a sua noção de colonialismo:

Participante 14: “Eu lá no começo, relacionava colonialismo com a questão de ter poder através da terra, mas a gente pode perceber que não é uma questão só de terra, é uma questão de influência. É uma questão de como as formas que a sociedade se estruturou, da questão de preconceitos da questão racial, da questão econômica e a gente consegue enxergar ele em todas essas partes.”

Participante 8: “Eu acho que eu vou muito nesse sentido de uma imposição de poder. Foi bacana porque eu abri meus olhos. É uma imposição de poder não só como a de força como a de antigamente, mas também cultural, silenciar um povo, uma cultura e impor sua influência.”

Participante 11: “Eu queria acrescentar uma coisa ao que eu tinha dito. Eu falei da questão da imposição, de retirar o direito das pessoas. Eu achava que isso não era tão presente hoje em dia, mas depois das discussões que a gente teve, das sutilezas, eu acho que são imposições que a gente não percebe, que a gente percebe que são as mesmas imposições que costumavam ser e a gente aceita sem perceber.”

Pode-se perceber nas falas acima uma mudança de percepção em relação ao colonialismo. Dentre essas mudanças, podemos citar o novo tratamento do colonialismo como uma dominação presente na modernidade, que esteve presente em todas as falas. Outro fator também destacado pelos participantes, foi a influência cultural dos países do norte em relação aos do Sul.

Dessa forma, depois da exibição dos textos culturais, houve uma mudança nas respostas de todos os participantes do grupo de foco, seja uma reformulação da resposta acrescentado novos fatores, como uma mudança completa de pensamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme demonstrado no referencial teórico da presente pesquisa, o recorrente pensamento colonial, as transformações contemporâneas da globalização e o espírito do capitalismo cognitivo evidenciam a necessidade de um pensamento contra hegemônico a favor da luta epistemológica pela centralidade que hoje pertencem ao trabalho imaterial e a ciência moderna.

Dessa forma, a presente pesquisa baseia-se na premissa, comprovada por diversos estudos culturais, de que os textos culturais podem desempenhar um papel estratégico no combate à articulação entre o capitalismo, o colonialismo e o patriarcado. Para esse objetivo

ser cumprido, os textos devem assumir um pensamento descentralizado, que rompa com as tradições modernizantes e hegemônicas herdadas da influência ocidental, para reinterpretar, a partir de uma ecologia de saberes, o sentido de uma epistemologia do Sul para uma nova perspectiva global, reinstituindo todos os saberes e seres excluídos da modernidade.

Exemplos concretos recentes como o estudo Tonon (2010) sobre a novela “mulheres apaixonadas” e o longa metragem “Parasita” são exemplos de textos culturais que assumiram assuntos contra-hegemônicos, e desempenharam com sucesso o papel de textos culturais que transmitem novas formas de enxergar o mundo. Ambos os textos favoreceram discussões e debates importantes sobre assuntos chave como a homossexualidade no caso da novela “mulheres apaixonadas” e o capitalismo predatório no caso do filme “Parasita”.

Diante do exposto, devido à grande importância e a pouca exploração do tema, surgiu o interesse , que é o objetivo principal dessa pesquisa.

Os quatro grupos de foco realizados de forma semiestruturada com os vinte alunos encaixaram-se de forma satisfatória para cumprir o objetivo proposto, pois torna-se possível verificar a evolução gradativa de pensamento após a apresentação de cada texto cultural. O uso desse método de coleta de dados proporcionou a adaptação do roteiro pré estruturado ao mediador conforme as particularidades de cada grupo, o que resultou em uma ampla variedade de discussões e debates.

Cada texto cultural, cultural que foi a apresentado aos participantes dos grupos e que podem ser encontrados no Qr Code (ANEXO 1) foi escolhido com base em um tema que abordava as diversas facetas do colonialismo. A ordem dos textos foi pensada para colaborar com a modificação do pensamento dos participantes e as discussões dos grupos de foco, e eram acompanhadas de indagações que colocavam as discussões no caminho do objetivo escolhido.

O objetivo discutido acima foi cumprido por meio da análise de conteúdo feita a partir da análise das falas e discussões que ocorreram durante os grupos de foco. Esse método proporcionou a criação de sete categorias com os debates e discussões mais relevantes a pesquisa apresentada feitas a partir da exibição dos sete textos culturais.

As categorias elencadas corroboraram ao que foi exposto na seção de revisão de literatura ao trazer sete tópicos relevantes, a mudança de pensamento proposto pelas epistemologias do Sul, a questão da raça em nossa sociedade, a opressão causada pelo capitalismo e o antes e depois do pensamento de cada estudante mostram-se essenciais para entender a percepção de cada entrevistado.

Dessa maneira, em todos os grupos de foco pode-se observar uma clara modificação de

pensamento ao passar cada texto cultural. A noção inicial de cada participante remetia ao colonialismo histórico, e ao serem apresentados cada um dos textos culturais, foi claramente notada uma conversão de pensamento, no sentido de um entendimento mais amplo do que é colonialismo. As noções de raça, de capitalismo, das influências hegemônicas trazidas pelo eurocentrismo e pela globalização foram se agregando gradualmente as discussões e ao pensamento de cada participante.

Dessa forma, acredita-se que o objetivo principal foi atingido, demonstrando que as ideias eurocêntricas hegemônicas presentes dentro do cognitivo da modernidade não é rígido, manifestando a importância e o poder dos textos culturais como meio propagador de visões contra hegemônicas.

Porém como foi visto dentro da referência histórica, embora os textos culturais aqui apresentados serem disseminadores de ideais contra hegemônicas a favor das epistemologias do Sul, a grande parte dos textos culturais presentes nas mídias não são.

No que concerne a contribuição teórica, essa pesquisa demonstrou que os textos culturais são um meio eficiente de propagação dos ideais das anticolonialistas propostos pelas epistemologias do Sul. O poder transformador epistemológico dos textos culturais, deve ser colocado como prioridades para estudos futuros, pois eles podem ser um caminho para uma mudança de cenário de opressão e exclusão que é presente hoje na modernidade.

Para ensino e pesquisa em administração pública, se destaca a importância dos textos culturais na formação de administradores públicos, visto que os paradigmas que rodeiam a administração pública atualmente foram disseminados pelos povos do norte. Dessa maneira é necessário a implementação de um novo pensamento, para uma nova administração pública, e os textos culturais podem exercer esse papel.

No que diz respeito às contribuições práticas, essa pesquisa demonstrou que os textos culturais são ferramentas que podem auxiliar na promoção de conteúdos e conceitos contra hegemônicos. Dessa forma, eles não podem se restringir apenas ao ambiente cultural e midiático. Professores devem fazer uso de textos culturais como instrumentos de fomentação do processo de ensino-aprendizagem de conteúdos e conceitos contra hegemônicos em todos os cursos de graduação, especialmente no curso de Administração Pública.

Essa pesquisa foi capaz de modificar a visão dos participantes, o que apesar de pequeno, apenas vinte pessoas, já representou uma contribuição de modificação e criação de pensamento crítico dos participantes. Dessa forma, essa pesquisa deixa clara a necessidade de investimentos em textos culturais contra hegemônicos por parte das políticas públicas, para atingir um número ainda maior de pessoas. Os textos culturais podem ser uma forma de conscientização a

população sobre temas como racismo e a dominação cultural. Isso pode ser feito através de editais para curtas, filmes, peças de teatro que possuam esses ideais anti-hegemônicos.

Para pesquisas futuras, sugere-se a realização de pesquisas envolvendo as outras duas formas de opressão causadas pelas linhas abissais, o capitalismo e o patriarcado. Destaca-se também a importância de pesquisas que envolvam outros membros integrantes da sociedade, como entender a percepção dos textos culturais em pessoas mais velhas, ou também em pessoas mais novas, através de filmes infantis, desenhos, e livros.

Por fim, um assunto que foi debatido durante os grupos de foco, foi o poder de textos culturais com um tom de humor crítico, como as sátiras, como propagador de ideias contra hegemônicos. Em todos os grupos esses textos culturais foram citados tanto como uma lembrança de um texto cultural que havia impactado a sua percepção sobre o mundo ou como uma sugestão dos participantes para textos culturais. Dessa forma também é importante haver estudos de quais tipos de textos culturais mais impactam a percepção da população.

REFERÊNCIAS

ABREU, N; BALDANZA, R; GONDIM, S. Os grupos focais *on-line*: das reflexões conceituais à aplicação em um ambiente virtual. **Rev Gestão da Tecn e Sist de Inf.** 2009. p.5-24.

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M.. **Dialética do Esclarecimento.** 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. p. 99-138.

BABÁS. Direção: Consuelo Lins. Produção de Consuelo Lins. Brasil: Urbano Filmes, 2010. 1 Vimeo.

BASTOS, B. F.. **Identidade, comunicação e consumo: um estudo sobre a constituição identitária na cidade de São Paulo.** In: Comunicon - Congresso internacional comunicação e consumo, 2015, São Paulo. Anais 2015 - Comunicon - Congresso internacional comunicação e consumo, 2015.

BAUER, M.W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

BAUMAN, Z. **Globalização: As Consequências Humanas.** Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CARAMURU - A INVENÇÃO DO BRASIL. Direção: Guel Arraes. Produção de Globo Filmes. Brasil: Columbia Tristar Filmes, 2001. 1 DVD

DUSSEL, E. 1492: **O Encobrimento do Outro - A Origem do Mito da Modernidade.** Conferências de Frankfurt. Vozes Editora, Petrópolis, 1993. p. 27- 41.

_____ **Europa, modernidade e Eurocentrismo: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas.** 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 25-34.

ECOSTEGUY, A; SCHULMAN, N; JOHNSON R. **O que é, afinal, estudos culturais.** 5.ed. Autêntica, 2020.

ESCOBAR, A. **Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano..** 1. ed. Tabula Rasa, 2003. p. 58-86.

FARIA, M. D. DE; CASOTTI, L. M.; CARVALHO, J. L. F. A Vulnerabilidade do Consumidor com Síndrome de Down. **VII Encontro de Marketing da ANPAD**, n. 2004, p. 1–14, 2016.
GIL, A. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREGORY, D. **The Dictionary of Human Geography**. 5. ed. Reino Unido: John Wiley & Sons, 2009.

JÚNIOR, E. F. DE C. Direitos Humanos, Cidadania e as Relações de Consumo no Discurso Midiático. **Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília**, v. 9, n. 2, p. 193, 2016.

HAN, H. **Your Dream Is My Reality: How Functional Consumption of Luxury Brands Becomes a Status Symbol**. College of Business Administration. The Graduate School. Seoul National University, 2020.

KELLNER, D. **A cultura da Mídia: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru, SP: Edusc, 2001.

LIPOVETSK, G. **Metamorfoses da Cultura Liberal**. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre. Editora Sulina, 2004.

LUGONES, M. Rumo a um feminismo descolonial. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952, set./2014. Disponível em: <http://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755/28577>. Acesso em: 25 jun. 2020.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MIGNOLO, W. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade**. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 71-103.

_____. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v.21, n.94, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v32n94/0102-6909-rbcsoc-3294022017.pdf>. Acesso em: 1 dez. 2020.

MORGAN, D. **Focus groups as qualitative research**. Newbury Park, Sage, 1988.

OXFAM (2017). **Relatório A distância que nos une – Um retrato das desigualdades brasileiras**. Oxfam, Brasil, setembro de 2017. Disponível em: https://d2v21prk53tg5m.cloudfront.net/wp-content/uploads/2019/08/economia_para_99-relatorio_completo_1.pdf; Acessado em 31 de janeiro de 2018.

OYĚWÙMÍ, O. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. 1. ed. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142.

_____. **Colonialidade do poder, globalização e democracia**. Novos Rumos, n.37, 2002.

_____. **Epistemologias do Sul: Colonialidade do Poder e Classificação Social**. 1. ed. Coimbra: Edições ALMEDINA. SA, 2009. p. 73-118.

POCAHONTAS. Direção: Mike Gabriel; Eric Goldberg. Produção de Walt Disney Pictures. Estados Unidos: Buena Vista Pictures, 1995. 1 Disney Plus.

RESTREPO, E; ROJAS, A. **Inflexión decolonial: fuentes, conceptos y cuestionamientos**. 1. ed. Popayan: Editorial Universidad del Cauca, 2010. p. 131-168.

ROXO, R. **Biopolítica, guerra híbrida e reestruturação do capitalismo: a globalização como ela é**. 1.ed. Espaço e Economia, 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. 1. Ed. Coimbra: Almedina, 2020.

_____. A filosofia à venda, a douda ignorância e a aposta de Pascal. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 80, p. 11-43. 2008.

_____. **Democratizar a democracia — Os caminhos da democracia participativa, Rio de Janeiro**, Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Do pós-moderno ao pós-colonial e para além de um e outro**. 1.ed. Coimbra, Conferência de abertura ao VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. 2004

_____. **Epistemologias do Sul: Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes**. 1. ed. Coimbra: Edições ALMEDINA. SA, 2009. p. 21-72.

_____. Para além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de

saberes, **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 2007. p. 3-46.

_____. **O Fim do Império Cognitivo**. 1 ed. Coimbra: ALMEDINA, 2018.

_____, 2020. **B. Uma saída para o Brasil**. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/08/15/opiniaopiniaopinia/saida-brasil-1927866>. Acesso em 15 Janeiro 2021.

SANTOS, R; BARRETO JUNIOR, S. **Encarceramento em massa da população negra no brasil: análise da ineficácia do princípio da impessoalidade das normas penais em face das políticas de encarceramento no sistema penitenciário soteropolitano**. Universidade Católica do Salvador (UCSal), Faculdade de Direito, 2020. Disponível em: <<http://ri.ucsal.br:8080/jspui/bitstream/prefix/1599/1/TCCRAFAELARSANTOS>>.

SIHOMBING, L., & SINAGA, A. (2021). **REPRESENTATION OF SOCIAL CLASS IN PARASITE MOVIE**. *Lire Journal (Journal of Linguistics and Literature)*, 5(1), 69-80.

THE TRUE COST. Direção: Michael Ross. Produção de Untold Creative; Life Is My Movie Entertainment. Estados Unidos: Life Is My Movie Entertainment; Bullfrog Films, 2015. 1 Netflix.

TROVÃO TROPICAL. Direção: Ben Stiller. Produção de Red Hour Films. Estados Unidos: Dream Works Pictures, 2008. 1 DVD.

TONDATO, M. P. Comunicação e consumo: representações identitárias da mulher na publicidade do prime-time. **Revista ECO-Pós**, v. 13, n. 3, p 82-104, 2011.

TONON, J. B. Recepção de telenovelas: identidade e representação da homossexualidade. Um estudo de caso da novela “Mulheres Apaixonadas”. **Comunicação & Informação**, v. 9, n. 1, 2010.

TORRES, M. **El giro decolonial: Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto**. 1. ed. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-169.

VADILLO, Ó, 2019. **El cine como arma de propaganda del capitalismo**. Disponível em: <http://hyperbole.es/2019/02/el-cine-como-arma-de-propaganda-del-capitalismo/>. Acesso em 28 Março 2021.

VERGARA, S. **Métodos de pesquisa em Administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

_____. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 14 ed.. São Paulo. Atlas. 2013

ANEXO 1

Texto cultural I

Caramuru - A Invenção do Brasil (2001)



Texto cultural II

Pocahontas (1995)



Texto cultural III

Babás (2010)



Texto cultural IV

Copilado de textos culturais feitos por mim.



Texto cultural V

The true cost (2015)



Texto cultural VI

Trovão Tropical (2008)



